

Novo presidente da Funai nomeia índios para chefias

Brasília/Luciano Andrade

Brasília — Dizendo que usará gravata pela última vez hoje, durante a solenidade de posse no Ministério do Interior, o novo presidente da Funai, Jurandy Marcos da Fonseca, 44 anos, anunciou ontem, após sua nomeação pelo Presidente da República, a indicação dos índios Marcos Terena, para a chefia de gabinete do órgão, e Megaron, para a direção do Parque Nacional do Xingu.

— Na minha administração, o índio terá sua parcela de responsabilidade e as comunidades serão ouvidas. Posso assegurar que a Funai não será mais omissa e seus projetos não serão elaborados apenas em gabinetes — disse.

Com os índios

Jurandy, que exercia até ontem a função de assessor especial da Sudeco, já trabalhou na Funai durante 14 anos como chefe de gabinete nas gestões dos ex-presidentes Bandeira de Mello e Ismarth de Oliveira. Os índios Marcos Terena e Megaron funcionaram como mediadores no caso entre os Txucarramães e a Funai, que resultou no aumento da área do Parque Nacional do Xingu e na libertação dos três reféns.

O novo presidente da Funai, em sua primeira entrevista à imprensa, disse que não irá dividir a autoridade da Funai com outros organismos, mas que estará aberto para as contribuições de universidades, Conselho Indigenista Missionário e intelectuais que queiram participar, "com seriedade", em benefício da causa do índio. Segundo Jurandy, sua primeira preocupação é a de "inverter" a pirâmide da Funai, colocando sua base em contato com os índios.

Além das duas indicações anunciadas, o novo presidente da Funai revelou que pretende nomear para cargos de direção do órgão outros índios que estejam em condições de trabalhar, "para que eles, gradativamente, se integrem à sociedade brasileira". Ele pretende reestruturar toda a Funai, eliminando alguns cargos de direção que, segundo disse, são muitos, e transferindo parte do pessoal para as frentes de trabalho, no campo. "De nada adianta essa superestrutura em Brasília se não existe na aldeia um chefe de posto ou um auxiliar de enfermagem", disse.

Em seu primeiro contato com o Ministro Mário Andreazza, pela manhã, Jurandy Marcos da Fonseca disse que recebeu orientação para se apresentar ao Ministro Danilo Venturini, do Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários, para discutir a questão das terras indígenas. "Meu propósito é assegurar a terra ao índio dentro de sua real necessidade, sem extrapolar". afirmou que considerou "justa e necessária" a luta dos índios Txucarramães pelas terras à margem direita do Rio Xingu.

Jurandy não sabe se disporá, até o final de sua administração, dos recursos necessários à demarcação das terras indígenas, em todo o país, mas garantiu que visitará todas as reservas e que "em breve" terá uma situação global do problema. "Acabou a fase policial da Funai. Agora, é manter suas portas abertas, arregalar as mangas e trabalhar ouvindo a comunidade indígena", prometeu.

Jurandy Marcos da Fonseca nasceu no posto indígena de Taunay, no Município de Aquidauana (MTS), onde viveu até os 10 anos de idade em contato direto com os índios terenas. Seu pai, Francisco Ibiapina da Fonseca, era chefe do posto, e sua mãe, Alayde Fioravanti, professora da escola indígena, onde também estudou.

Balsa devolvida

A balsa sequestrada no dia 23 de março pelos índios Txucarramães foi devolvida ontem, já estando liberada para fazer a travessia do Rio Xingu e restabelecer o tráfego na BR-080. Essa rodovia dá acesso à BR-163 (Cuiabá-Santarém) e permite a ligação entre as localidades situadas à margem direita do Xingu e diversos municípios do Norte de Mato Grosso.



Terena (E) e Megaron conversam na sede da Funai

Megaron promete demarcação

Brasília — Como membro da tribo Txucarramãe, o índio Megaron, de 34 anos, prometeu ontem lutar para que até o fim do ano se concretize a demarcação de mais 15 quilômetros nas terras do seu povo. Como futuro administrador do Parque Nacional do Xingu, atualmente com uma população de 3 mil índios, ele pretende tratar com igualdade todas as 16 tribos que estão instaladas na região e melhorar suas condições de educação e saúde. "Final de contas, tudo é um povo só no Xingu", disse ele.

Megaron, viúvo da índia Kuiavi e pai de três filhos, só saiu do Xingu por curtos períodos de tempo, sendo considerado o braço direito do seu tio, o cacique Raoni. No caso dos Txucarramães, teve grande importância como mediador entre sua tribo e a Funai. Ele pretende prosseguir o trabalho do seu antecessor, o antropólogo Cláudio Romero, por quem disse ter grande estima e confiança.

Paralelamente à demarcação das terras dos Txucarramães, ele pensa em reno-

var a demarcação do Parque e colocar mais professores para ensinar às crianças das tribos. "Eu não quero é que nossas crianças saiam do Parque para não esquecerem a sua cultura", advertiu Megaron. Além dos quatro postos médicos já existentes no Parque, ele quer instalar mais um, com melhor infraestrutura e que tenha médico de plantão, para atender casos graves.

Bem mais desenvolvido que Megaron e falando um português perfeito, Terena, de apenas 30 anos, também fez suas promessas. A primeira é a de vir trabalhar diariamente, "coisa que o chefe de gabinete do ex-presidente (João Severino Silva Netto) pouco fazia". A segunda, de continuar mantendo o crédito e a confiança que toda a nação indígena vêm depositando nele.

Conhecido no meio indígena como "ponderado", Terena, participou sempre de episódios marcantes envolvendo tribos alheias, como o caso dos Txucarramães e a retomada das terras dos índios Pataxó na Bahia.

Índio consegue troca na Funai

Manaus — Vinte e cinco índios sateres-mawes, representando aldeias do rio Andirá, no Amazonas, conseguiram que a Delegacia da Funai em Manaus nomeasse um novo chefe para o posto indígena da localidade, além de obter a transferência de dois professores e o não-reconhecimento do índio Raimundo Ferreira da Silva, o Dico, como capitão-geral dos sateres.

A decisão da Funai ocorreu depois que os 25 índios ocuparam pacificamente a sede da Delegacia de Manaus, surpreendendo o delegado Kazuto Kawamoto, que ontem consolidou o atendimento às exigências dos representantes de quase 3 mil 500 indígenas.

Para o chefe do posto do rio Andirá foi nomeado o indigenista José Vitor Santana, substituindo Sidney Jorge de Oliveira, "inimigo dos índios", segundo os reclamantes, que também vão indicar os dois novos professores para os lugares dos que foram ontem mesmo transferidos.

O grupo retirou ontem da Caixa Econômica Cr\$ 4 milhões 403 mil, mais juros e correções monetárias, provenientes da indenização paga por uma companhia de pesquisa de petróleo francesa que ocupou a terra dos índios no ano passado. O dinheiro será utilizado para a compra de uma embarcação destinada a transportar os produtos que as aldeias comercializam, servindo ainda para a limpeza dos 50 hectares de roçado de mandioca e guaraná que as tribos possuem junto às margens dos rios Andirá e Marau.

Delegado espera ficar no cargo

Belo Horizonte — O delegado da Funai em Minas, Espírito Santo e Bahia, Eustáquio Machado, não acredita que o cacique Mongangá, da tribo dos Pataxós, consiga a sua demissão do cargo, mesmo porque fornecer alimentação para os índios não está entre as obrigações da Funai. "Se eles estão morrendo de fome, é porque não estão trabalhando, pois nas reservas indígenas é assim, para comer tem de trabalhar".

Ele reconheceu ontem, em entrevista, que a Funai tem, na sua área, quatro focos de problemas de terras indígenas, todos em disputa com os posseiros, na Justiça, à exceção da reserva dos Xacriabas, em Itacarambi. Esses índios tinham uma área de 46 mil hectares e 30 mil foram ocupados por posseiros e fazendeiros, muitos deles com títulos legalizados pela Ruralminas, órgão do Estado, em 1979-80. Apesar de reconhecer que a Ruralminas não tinha competência para isso, Eustáquio Machado revelou que, até hoje, a Funai não se decidiu a contestar essa legalização na Justiça.

Eustáquio Machado disse que, se está no cargo, é por méritos próprios. Sobre as acusações de que a Delegacia Regional da Funai não presta nenhuma assistência aos índios, contestou:

— Dentro do quadro de crise econômica nacional, temos que trabalhar com recursos limitados, mas não é verdade que os índios estão totalmente abandonados e desassistidos.